26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E FORMAÇÃO PARA A ACESSIBILIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA SISTEMATIZAÇÃO DE UM MÓDULO DE AUDIODESCRIÇÃO PARA A PRÁTICA MUSEOLÓGICA INCLUSIVA

UNIVERSITY MUSEUMS AND ACCESSIBILITY TRAINING: *CONTRIBUTIONS OF THE SYSTEMATIZATION OF AN AUDIO DESCRIPTION MODULE TO INCLUSIVE MUSEOLOGICAL PRACTICE*

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos – Secretaria de Educação Superior (Sesu)
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Heloisa Teixeira Firmo – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este trabalho integra pesquisa desenvolvida entre 2021 e 2022 no Programa de Pós-graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS/NIDES/CT/UFRJ) em parceria com o Museu da Geodiversidade. Foi realizado o curso de extensão “Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual”, cujo objetivo foi promover espaço de diálogo reflexivo e contribuir para a formação inicial e continuada de educadores, como estratégia para implementar ações educativas acessíveis em museus. Este trabalho apresenta a sistematização do Módulo de Audiodescrição. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com participação dos sujeitos em reuniões e aulas. Os instrumentos de coleta incluíram observação participante, relatos dos estudantes extensionistas, gravações das aulas, roteiros de sistematização e questionário semiestruturado. A proposta formativa abordou Tempo Geológico, Educação Ambiental, Acessibilidade Cultural e Tecnologia Assistiva, partindo do pressuposto de que inclusão efetiva requer não só adaptações físicas, mas alterações conceituais, metodológicas e comunicacionais. Ao reunir profissionais de museus, centros culturais, educadores da educação básica e estudantes de graduação e pós-graduação, o curso favoreceu a construção coletiva de saberes e a reflexão sobre práticas inclusivas capazes de ampliar o acesso a bens culturais e científicos.

Palavras-chave: pessoa com deficiência; museu da geodiversidade; UFRJ; curso de extensão; educação museal.

Abstract: This paper is part of a research project developed between 2021 and 2022 within the Graduate Program in Technology for Social Development (PPGTDS/NIDES/CT/UFRJ), in partnership with the Museum of Geodiversity. The extension course "Learning to Deal with Diversity: Cultural Accessibility and Environmental Education for People with Intellectual Disabilities" was offered with the aim of fostering a space for reflective dialogue and contributing to the initial and continuing education of educators as a strategy for implementing accessible educational actions in museums. This study presents the systematization of the Audio Description Module. The research adopted a qualitative approach, involving participants in meetings and classes. Data collection instruments included participant observation, reports from extension students, class recordings, systematization guides, and a semi-structured questionnaire. The educational proposal addressed Geological Time, Environmental Education, Cultural Accessibility, and Assistive Technology, based on the assumption that effective inclusion requires not only physical adaptations but also conceptual, methodological, and communicational changes. By bringing together museum professionals, cultural center staff, basic education teachers, and undergraduate and graduate students, the course fostered the collective construction of knowledge and reflection on inclusive practices capable of expanding access to cultural and scientific assets.
Keywords: people with disabilities; museum of geodiversity; UFRJ; extension Course; museum education.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa realizada entre os anos de 2021 e 2022 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS), do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), do Centro de Tecnologia (CT), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Numa interlocução entre a equipe do Museu da Geodiversidade (MGEO/UFRJ) e o NIDES, em 2022, realizou-se *online* o Curso de Extensão "Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual" na perspectiva de promover um espaço para o diálogo reflexivo e contribuir para a formação inicial e continuada dos educadores como uma das estratégias para desenvolver ações educativas acessíveis nos museus (Santos, 2019, p. 34).

A temática do curso versou sobre os conteúdos de Tempo Geológico, da Educação Ambiental, da Acessibilidade Cultural e da Tecnologia Assistiva, tendo como eixo estruturante da proposta as diretrizes da extensão.

O curso foi organizado em 7 (sete) módulos e este trabalho apresenta a sistematização do Módulo VI - Audiodescrição. A metodologia levou em consideração os atores sociais

envolvidos (profissionais e educadores de museus, centros culturais, escolas e estudantes do Ensino Superior), a inserção de uma das pesquisadoras como agente participante do processo e a proposição de que a acessibilidade e inclusão estão diretamente relacionados com a formação desses atores. A equipe do MGeo contava com Museóloga, Geóloga, Historiadora, Profissional de Letras, Auxiliares Administrativos em Divulgação Científica e discentes dos cursos de graduação da UFRJ (Geologia, Geografia, Meteorologia, Bacharelado em Ciências Matemáticas e da Terra - BCMT, Comunicação Social, Letras/Libras, Terapia Ocupacional, Pedagogia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências da Computação, Comunicação Visual, Design, História e Conservação).

O MGeo é um museu universitário da UFRJ, criado em 2007 "com o intuito de ajudar a preservar uma parte da história do Planeta Terra através da organização de seu acervo" (Castro, 2014, p. 1), com o nome de Museu da Geologia e, em 2010, tornou-se Museu da Geodiversidade. Está localizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) no campus da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, e é vinculado ao Instituto de Geociências (IGEO). Sua exposição de longa duração denominada "Memórias da Terra", reinaugurada em 2026, conta a história do nosso Planeta numa perspectiva geológica e biológica, dividida em 11 módulos, apresentando uma narrativa cronológica que vai da Terra Primitiva ao Antropoceno.

A missão do MGeo está prevista no seu Plano Museológico com o objetivo de:

> Preservar, pesquisar, divulgar e dialogar com outros setores da sociedade, através de exposições e outras ações educativas e de popularização, o Patrimônio Geocientífico do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de forma acessível e inclusiva (UFRJ, 2020, p. 11).

Nesse contexto, o curso colaborou com a formação de profissionais e agentes multiplicadores para o avanço do direito social e cultural das pessoas com deficiência, fortalecendo a sua participação em museus, centros culturais e escolas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O curso ofertado teve como objetivo geral contribuir para a formação continuada de profissionais de museus e da rede básica de ensino que atuavam com a acessibilidade e inclusão de pessoas com Deficiência Intelectual em museus e espaços culturais com uso de Tecnologia Assistiva.

Para Freire (1987, p. 52) "[...] a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo

para transformá-lo". Assim, esse trabalho tem como premissa a práxis freiriana, ao propor refletir sobre a prática realizada no Museu da Geodiversidade, tendo a educação como um ato político. A realização do curso se constitui na práxis freiriana, ao criar um espaço de reflexões aplicadas para a acessibilidade cultural de pessoas com deficiência intelectual. A partir das reflexões e da sistematização da experiência, com recomendações de melhoria, a pesquisa contribui para a transformação da realidade.

Pela sua singularidade e aspectos próprios, a práxis educativa em museus busca sua identidade ao usar o termo Educação Museal como: [...] uma reivindicação tanto de uma modalidade educacional - que contempla um conjunto integrado de planejamento, sistematização, realização, registro e avaliação dos programas, projetos e ações educativas museais - quanto de um campo científico (Costa; Castro; Chiovatto; Soares, 2018, p. 73).

Baseado na proposta emancipatória e dialógica de Paulo Freire, a Museologia toma para si os aspectos da educação libertadora e se reinventa dando lugar a uma "Nova Museologia" onde a "Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la" (IBRAM, 2018, p. 74).

Segundo Soares e Gruzman (2019, p. 121) um museu apresenta três pilares fundamentais que o sustentam. São eles a preservação, a pesquisa e a comunicação. A comunicação está inserida na função educativa do museu:

> [...] por seu tempo, compreende a possibilidade de disponibilização do acervo ao público, estabelecendo uma relação entre o visitante e os bens culturais musealizados. Neste terceiro pilar, a educação e as exposições encontram-se inseridos, embora alguns autores reivindiquem certa autonomia da educação em relação à comunicação.

O diálogo cria base para a cooperação e é fundamental para a aproximação do educando ao conteúdo e ao objeto de sua aprendizagem. Esse diálogo deve fazer parte de uma prática reflexiva e de um pensamento crítico acerca da realidade do educador. Numa relação de horizontalidade, educador e educando ensinam e aprendem simultaneamente um com o outro, "[...] mas, se a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens" (Freire, 1987, p. 44).

A Educação Museal no MGeo é "[...] permeada pela prática da dialogicidade e problematização" (Samagaia, 2006, p. 256), levando ao visitante a uma reflexão da relação do

ser humano com os recursos naturais do Planeta Terra, da existência humana e de outras espécies, bem como a extinção dos registros geológicos deixados no planeta e como esse planeta permanecerá daqui para frente. Nessa prática de ação-reflexão, os estudantes de graduação que fazem parte da equipe do MGeo também são estimulados a se reinventarem a todo instante.

A acessibilidade é um direito fundamental assegurado pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - LBI (Lei nº 13.146/2015), que a define como a possibilidade de utilização, com segurança e autonomia, de espaços, serviços, informações, comunicações, equipamentos e tecnologias por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida (Brasil, 2015). Historicamente, as pessoas com deficiência enfrentam processos de exclusão, abandono e até extermínio, passando a conquistar direitos sobretudo a partir dos movimentos de inclusão fortalecidos no pós-Segunda Guerra Mundial (Sassaki, 2010). Nesse processo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) consolidou os princípios de igualdade, dignidade e participação na vida cultural.

Esses princípios fundamentam a compreensão da acessibilidade cultural como um campo interdisciplinar e em constante evolução, voltado a garantir às pessoas com deficiência condições de bem-estar, acolhimento e participação na fruição cultural (Dorneles; Carvalho; Silva, 2016). Para isso, instituições como museus e demais equipamentos culturais devem eliminar diferentes tipos de barreiras, considerando as dimensões arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal (Sassaki, 2009). O Plano Nacional de Cultura também reforçou essa perspectiva por meio da Meta 29, que estabeleceu a necessidade de garantir acessibilidade nos espaços culturais e promover a fruição cultural pelas pessoas com deficiência (Ministério da Cultura, 2013).

Nos museus, a acessibilidade pode ser promovida por meio de recursos e estratégias como audiodescrição, Libras, mapas e maquetes táteis, piso podotátil, rampas, banheiros adaptados, linguagem simples, comunicação alternativa, capacitação das equipes e outras Tecnologias Assistivas (Sarraf, 2018). Essas medidas não beneficiam exclusivamente às pessoas com deficiência, mas contribuem para ampliar a qualidade e as possibilidades de acesso à cultura para diferentes públicos. Entre esses recursos, destaca-se a Tecnologia Assistiva, que constitui um importante instrumento para a acessibilidade cultural, pois compreende produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços destinados a promover a funcionalidade, a autonomia, a independência, a

qualidade de vida e a inclusão social das pessoas com deficiência (Brasil, 2015). Assim, a acessibilidade plena nos espaços culturais depende não apenas de adaptações físicas, mas de uma abordagem integrada que envolva recursos tecnológicos, comunicação, formação profissional, políticas públicas e transformação das atitudes sociais (Dorneles; Carvalho; Silva, 2016; Sarraf, 2018).

Entre as possibilidades de acessibilidade comunicacional, a audiodescrição merece destaque por ser um recurso que possibilita transformar informações visuais em informações verbais, por meio de descrições textuais ou orais. Dessa forma, permite que conteúdos predominantemente visuais sejam acessados por meio da linguagem verbal, caracterizando-se como uma "modalidade de tradução intersemiótica" (Monteiro; Walter, 2024).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para a realização do curso foi participativa. O planejamento das aulas foi realizado através de reuniões com a equipe, buscando ter como princípio os apontamentos de Freire:

> [...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (1987, p. 44-45).

O Módulo VI - Audiodescrição teve professores facilitadores convidados abordando a temática estabelecida através de uma exposição inicial oral, abrindo para o diálogo com os cursistas e realização de uma oficina. Este módulo contou com a participação de um consultor em acessibilidade cultural, em audiodescrição e pessoa com deficiência visual, e de uma Pesquisadora Mestranda em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-bolsista de extensão e colaboradora do Museu da Geodiversidade. Teve como objetivo apresentar o conceito, as diretrizes, como fazer uma audiodescrição e divulgar a produção de audiodescrição do MGeo através do projeto ação GeoAcessibilidade. Ao final foi realizada a oficina de audiodescrição, cujo objetivo foi de fazer a audiodescrição de um objeto ou imagem relacionado à natureza ou geociências e, em grupo, escolher um para apresentação.

A experiência foi analisada sob uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, buscando compreender os processos formativos, as interações e as aprendizagens construídas no contexto das atividades extensionistas. Para a produção dos dados, foram utilizados a observação participante, os relatos dos estudantes extensionistas, a

gravação das aulas, roteiros de sistematização da experiência e um questionário semiaberto. A articulação dessas fontes possibilitou contemplar diferentes perspectivas sobre a experiência e favorecer sua análise e sistematização.

Foram consideradas, especialmente, a qualidade das abordagens dos conteúdos pelos professores, a interatividade nas atividades práticas, os espaços de diálogo e reflexão, bem como a presença de um professor com deficiência, aspecto que contribuiu para as discussões sobre diversidade, inclusão e acessibilidade. Também se analisou a proximidade das atividades com a práxis profissional, a possibilidade de reflexão sobre a ação e o compartilhamento de experiências entre os participantes, compreendidos como elementos relevantes para a construção coletiva de conhecimentos e para a ressignificação das práticas profissionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A promoção da acessibilidade e da inclusão ainda é um grande desafio para os museus e demais instituições de preservação e difusão do patrimônio. Nesse contexto, o curso de extensão “Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual”, desenvolvido pelo MGeo/UFRJ, representa uma importante iniciativa de formação continuada voltada à construção de práticas museais mais inclusivas e socialmente comprometidas. O curso foi concebido a partir das diretrizes da extensão universitária, articulando ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva dialógica e transformadora, fundamentada na educação crítica e na democratização do acesso à cultura.

A proposta formativa abordou conteúdos relacionados ao Tempo Geológico, à Educação Ambiental, à Acessibilidade Cultural e à Tecnologia Assistiva, compreendendo que a inclusão efetiva de pessoas com deficiência exige não apenas adaptações físicas, mas também mudanças conceituais, metodológicas e comunicacionais. Ao reunir profissionais de museus, centros culturais, educadores da educação básica, estudantes de graduação e pós-graduação, o curso favoreceu a construção coletiva de conhecimentos e a reflexão sobre práticas inclusivas capazes de ampliar o acesso aos bens culturais e científicos.

A importância dessa formação torna-se ainda mais evidente quando se considera o papel dos museus como instituições educativas e espaços de produção e compartilhamento de conhecimento. O próprio Museu da Geodiversidade possui como missão preservar,

pesquisar, divulgar e dialogar com a sociedade por meio de ações acessíveis e inclusivas. Dessa forma, a discussão sobre Educação Ambiental e Tempo Geológico desenvolvida ao longo do curso ultrapassa a mera transmissão de conteúdos científicos, promovendo reflexões sobre a relação entre sociedade e natureza, sustentabilidade e cidadania. A articulação entre Educação Ambiental, Educação Museal e Acessibilidade Cultural fortalece o potencial dos museus como agentes de transformação social e democratização do conhecimento científico.

Nesse conjunto de módulos, destaca-se o Módulo VI - Audiodescrição, realizado em abril de 2022, cuja temática abordou um dos recursos mais relevantes para a acessibilidade comunicacional em ambientes culturais. O módulo foi ministrado pelos pesquisadores Felipe Monteiro e Nathally de Almeida Rosário e teve como objetivos apresentar o conceito e as diretrizes da audiodescrição, discutir os elementos necessários para sua elaboração, divulgar as experiências do Museu da Geodiversidade com recursos acessíveis e proporcionar uma atividade prática de construção de audiodescrição.

A participação desses pesquisadores possui um significado adicional, uma vez que ambos foram estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atuaram como bolsistas de extensão do Museu da Geodiversidade. Suas trajetórias evidenciam o papel dos museus universitários como espaços privilegiados de formação acadêmica, capazes de complementar os processos de ensino desenvolvidos nos cursos de graduação e pós-graduação por meio da articulação entre teoria e prática, demonstrando, na prática, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, os museus universitários contribuem para a formação de profissionais comprometidos com a pesquisa, a divulgação científica, a educação museal e a acessibilidade cultural, demonstrando como as experiências extensionistas podem impactar positivamente a qualificação profissional e a atuação social dos estudantes. A experiência acumulada pelos ministrantes em projetos de acessibilidade desenvolvidos no âmbito do Museu da Geodiversidade também permitiu que a articulação de fundamentos teóricos e aplicações práticas da audiodescrição, evidenciando sua relevância para a ampliação do acesso aos conteúdos culturais e científicos.

No âmbito das discussões promovidas pelo módulo, evidenciou-se que a audiodescrição ultrapassa sua função tradicionalmente associada à deficiência visual, configurando-se como uma estratégia fundamental para a democratização do acesso aos conteúdos culturais e científicos. Nesse sentido, a sistematização do módulo revela que esse recurso beneficia também pessoas com deficiência intelectual, pessoas com dislexia, idosos e

outros públicos com diferentes necessidades comunicacionais. Sua importância está relacionada principalmente à possibilidade de ampliar o acesso e a compreensão de conteúdos que utilizam elementos visuais, especialmente em contextos educacionais e culturais. Ao converter informações imagéticas em linguagem verbal, a audiodescrição pode contribuir para reduzir barreiras comunicacionais e favorecer o acesso aos conteúdos apresentados por meio de imagens. As barreiras comunicacionais podem comprometer a compreensão dos conteúdos e contribuir para processos de segregação e afastamento da perspectiva inclusiva. Nesse sentido, recursos de acessibilidade comunicacional, como a audiodescrição, podem minimizar esse distanciamento e favorecer a inclusão.

Durante o encontro, foram apresentados os princípios fundamentais para a elaboração de descrições acessíveis, destacando-se a objetividade, o uso de frases curtas e a valorização dos elementos visuais essenciais para a compreensão de objetos, imagens e exposições. Os participantes realizaram exercícios práticos de audiodescrição de fotografias e objetos relacionados ao meio ambiente e às geociências, permitindo a aplicação imediata dos conhecimentos adquiridos.

No campo museológico, a audiodescrição assume papel estratégico por ampliar as possibilidades de fruição dos acervos e exposições. Mais do que um recurso técnico, constitui uma ferramenta de mediação cultural que contribui para a construção de experiências significativas e inclusivas. A experiência apresentada no curso demonstrou como o Museu da Geodiversidade incorporou a audiodescrição em diferentes ações educativas e em materiais audiovisuais da série “GeoAcessibilidade”, integrando esse recurso a outras estratégias de acessibilidade, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e materiais táteis.

Iniciativas como essa reforçam o compromisso ético e social dos museus com a democratização da cultura e do conhecimento. A inclusão de recursos acessíveis nos processos de comunicação museológica permite que diferentes públicos participem ativamente das experiências educativas e patrimoniais oferecidas pelas instituições. Ao mesmo tempo, contribui para a construção de práticas de divulgação científica mais inclusivas, capazes de traduzir conteúdos complexos das geociências e da educação ambiental em linguagens compreensíveis e acessíveis para todos. A formação continuada de profissionais, associada ao desenvolvimento de recursos de acessibilidade e à valorização da diversidade humana, fortalece os museus como espaços de cidadania, inclusão e divulgação científica acessível, ampliando o direito de todas as pessoas ao patrimônio cultural e ao conhecimento

científico. Dessa forma, a acessibilidade cultural contribui para enfrentar os desafios museológicos contemporâneos, favorecendo a construção de museus cada vez mais inclusivos e acessíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização do Módulo VI - Audiodescrição do Curso de Extensão “Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual” permitiu evidenciar a relevância desse recurso como estratégia para a promoção da acessibilidade cultural em museus e espaços de divulgação científica. Ao abordar conceitos, diretrizes e práticas de audiodescrição, o módulo demonstrou que a acessibilidade comunicacional não beneficia apenas pessoas cegas ou com deficiência visual, mas também outros públicos que podem encontrar barreiras no acesso à informação e aos conteúdos culturais. Essa experiência reforçou o potencial dos museus como espaços educativos comprometidos com a democratização do conhecimento e apresenta a audiodescrição como uma importante ferramenta de mediação museológica, capaz de ampliar as possibilidades de interpretação, compreensão e fruição dos acervos e exposições, favorecendo a participação de públicos diversos nos processos de construção de significados.

A atuação dos pesquisadores responsáveis pelo módulo, que possuíam vínculos formativos anteriores com o MGeo, também evidenciou a contribuição dos museus universitários para a formação acadêmica e profissional. Essas instituições não apenas preservam e comunicam patrimônio, mas também constituem espaços de aprendizagem, pesquisa, extensão e experimentação, complementando a formação oferecida nos cursos de graduação e pós-graduação. Ao possibilitar que estudantes participem de projetos voltados à acessibilidade e à inclusão, os museus universitários formam profissionais capazes de atuar de maneira crítica e socialmente comprometida.

Sob a perspectiva da Museologia, a sistematização do módulo evidencia que a acessibilidade deve ser compreendida como um elemento estruturante das práticas museológicas contemporâneas e não apenas como um conjunto de recursos a serem incorporados pontualmente às instituições. A incorporação da audiodescrição aos processos de comunicação e mediação contribui para tornar os museus mais inclusivos, fortalecendo seu papel social e educativo. Além de ampliar o acesso aos conteúdos museológicos, a incorporação da audiodescrição contribui para que os museus fortaleçam seu papel como

espaços de produção, mediação e democratização do conhecimento científico e cultural, alcançando públicos historicamente excluídos desses espaços.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 13 set. 2026.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de. **Caminhando em direção ao museu inclusivo**: diagnóstico de acessibilidade da exposição "Memórias da Terra" (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ) com o mapeamento das intervenções necessárias. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Acessibilidade Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Acessibilidade Cultural, Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://lacasufrj.files.wordpress.com/2022/03/tcc-aline-rocha-de-souza-ferreira-de-castro.pdf?force_download=true. Acesso em: 13 set. 2026.

COSTA, Andréa.; CASTRO, Fernandes.; CHIOVATTO, Milene.; SOARES, Ozias. Educação museal. *In*: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p. 55-78. Disponível em: https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2656/caderno_da_politica_nacional_de_educacao_museal.pdf. Acesso em: 13 set. 2026.

DORNELES, Patrícia Silva; CARVALHO, Claudia Reinoso Araujo de; SILVA, Ana Cecília Chaves. O curso de Pós-Graduação em Acessibilidade Cultural da UFRJ: breve estudo sobre seu papel na construção de uma política de formação, perfil dos discentes e suas contribuições de pesquisa e ação cultural na área. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 12., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2016. Disponível em: https://cult.ufba.br/enecult/anais/2894-2/. Acesso em: 13 set. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: https://cedoc.museus.gov.br/repositorio-de-educacao-museal/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/. Acesso em: 13 set. 2026.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **As metas do Plano Nacional de Cultura**. 3. ed. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília, DF: MinC, 2013. Disponível em: https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7568?locale-attribute=es. Acesso em: 13 set. 2026.

MONTEIRO, Felipe Vieira; WALTER, Catia Crivelente. A audiodescrição quebrando barreiras para a acessibilidade de pessoas autistas. **Revista Práticas em Gestão Pública Universitária**,

[*s. l.*], ano 8, v. 8, n. 2, jul./dez. 2024. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/pgpu/article/view/60625. Acesso em: 13 set. 2026.

ONU. **Declaração Internacional de Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 13 set. 2026.

SAMAGAIA, Rosana. **A ação educativa em museus de ciências:** o caso do Museu da Vida. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Tese não publicada.

SANTOS, Damiane Daniel Silva Oliveira dos. **Estratégias para mediação de crianças e jovens com deficiência intelectual no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ)**. 2019. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Acessibilidade Cultural) - Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://lacasufrj.files.wordpress.com/2021/04/tcc-damiane-dos-santos.pdf?force_download=true. Acesso em: 13 set. 2026.

SARRAF, Viviane Panelli. Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, [*s. l.*], n. 6, jun. 2018. Disponível em: https://www.tjrj.jus.br/documents/10136/0/20210614101808_5-artigocpfpdf.pdf/c62e427e-8284-c129-5cf1-e5731e9dfa56?t=1685381584491. Acesso em: 13 set. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, v. 12, p. 10-16, mar./abr. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em: 13 set. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SOARES, Ozias Jesus Soares; GRUZMAN, Carla. O lugar da pesquisa na educação museal: desafios, panorama e perspectivas. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 115-139, maio/ago. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.12957/redoc.2019.39809. Acesso em: 13 set. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **Plano Museológico do Museu da Geodiversidade 2020-2024**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: https://museu.igeo.ufrj.br/plano-museologico/. Acesso em: 13 set. 2026.